

As sementes do sol: o livro das traições

Doutoranda Cristiane Amorimⁱ (UFRJ)

Resumo:

Em 1981, Raimundo Carrero publicou sua segunda novela, *As sementes do sol: o semeador*. A narrativa se baseia nos episódios bíblicos sobre Davi e sua família, mormente na relação incestuosa entre Amnon e Tamar, assim como fez Faulkner no romance *Absalão! Absalão!*, de 1936. O personagem central do autor pernambucano, Absalão, vive uma intensa crise religiosa, torturado pela idéia de que é impossível para o homem fugir do seu destino de pecador, de traidor – o que faz de todos simultaneamente inocentes, pela inevitabilidade do crime, e culpados, porque criminosos. Este artigo procura demonstrar como todas essas questões reunidas e interligadas, que edificam uma atmosfera tormentosa, em conformidade com os apavorantes redemunhos da alma, se harmonizam com a maneira de narrar cíclica e espiralada do “livro das traições” carreriano, em sua oscilação constante e veloz sobre as dualidades que compõem o humano.

Palavras-chave: As sementes do sol, Raimundo Carrero, crimes e pecados

A traição foi o princípio [...] (CARRERO, 2005, p. 198)

De todas as correlações bíblicas presentes no segundo título de Raimundo Carrero, sem dúvida, a paródia da sentença sangrada “No princípio, era o verbo” (João 1,1) é a mais reveladora do sentido do texto. No evangelho de João, “verbo” simboliza a idéia, a palavra, a expressão de Deus. Sua transmutação em carne pode referir-se tanto a vinda do Filho quanto à própria Criação: o pensamento e a vontade do Pai concretizados. Todavia, o torturado Absalão, diante da impossibilidade de fugir do destino que se repete continuamente desde o início dos tempos, conclui com rancor que, no princípio, era a traição. Para embasar sua teoria, vai buscar nos Testamentos todas as passagens que fazem do homem o eterno assinalado, “gado marcado do demônio” (CARRERO, 2005, p.196):

Abriu a Bíblia. [...] Começou a ler pelo Gênese. [...] Os homens iniciando sua batalha no mundo. Era terrível. Nem bem tinham duas pernas, já lutavam. Sem sossego, sem pausa. Um intervalo breve para respirar brancuras: Adão e Eva – a luta tenaz dos traidores. (CARRERO, 2005, p.198)

[...] A traição é o fio mágico no qual nos apoiamos. Foi dela que nascemos com as nossas feridas e nossas pequenas e breves alegrias. [...] (*ib.*)

No Velho e no Novo Testamento a história da traição, da baixeza, da imensa mesquinharia humana está sempre se repetindo, como os dias e as noites, como o sol e a luz. Não é sem razão que Eva traiu Adão, que Davi traiu Urias, que Judas traiu Cristo [...]. É muito estranho que todos os personagens bíblicos tragam atrás de si este signo. Ou traem ou são traídos. Estigma cruel e atormentador. (CARRERO, 2005, p.199)

Tanto nos relatos bíblicos quanto na narrativa carreriana o desejo conduz à traição. Eva quer saborear o fruto da árvore do saber: ser conhecedora do bem e do mal (Genesis 2,17) e, por isso, transgredir o interdito. Davi deseja a esposa de Urias e, então, planeja a morte do servo. Judas, por moedas de prata, faz, de Cristo, o crucificado.

Em *As sementes do sol*, Davino trai Lourenço ao se casar com Ester (o desejo pelo desejo do outro): “‘Amo Ester’ – disse. E os lábios tremeram. Menos pela força da expressão e mais pela certeza de estar traindo” (CARRERO, 20005, p.143). Lourenço trai Davino ao cobrar da cunhada o pacto de morte (a esposa do irmão deveria se suicidar após o nascimento do primeiro filho) – o que caracteriza o desejo pela morte do ser amado na desesperada e vã tentativa de por fim a dor de desejar e o anseio, dual, egoísta e punitivo, que ninguém mais possa desfrutar do objeto desejado. Agamenon trai a família ao se deitar com Mariana do mesmo modo que esta trai todos ao saborear e estimular o incesto (o desejo carnal alimentado pela interdição aos laços consanguíneos). Absalão trai o irmão ao matá-lo (o desejo de vingança).

O primogênito de Ester reflete ainda sobre a provável culpabilidade da mulher pelo destino humano:

A origem da tragédia humana está, justamente, nesta encruzilhada que Deus nos colocou sob o símbolo da serpente astuta, da maçã rubra e atraente da mulher. E não seria, então, a mulher, toda a origem da tragédia humana? Não foi ela quem nos impeliu para o conhecimento do Bem e do Mal? Que o Bem e o Mal representam, exatamente, a eterna luta do homem com a mulher? (CARRERO, 2005, p.199)

Sem dúvida os Textos Sagrados, escritos por homens, numa época regida pelo masculino, só poderiam culpabilizar a mulher. Todavia, não há no Gênesis nenhuma menção à maçã, à sedução e ao pecado da carne. Se Eva pecou (e convenceu Adão a fazer o mesmo), foi por ambicionar o conhecimento pleno que apenas Deus possuía. Ela, a suprema culpada, come o fruto da árvore do saber, experimenta o Mal e condena toda a humanidade a viver fora do paraíso.

No ensaio “Quem é bárbaro?”, Francis Wolff, diz que, “a respeito da condição da mulher” (WOLFF, 2004, p.32), seria possível afirmar que “os preceitos do Corão são especialmente iníquos e tirânicos” (*ib.*). Em seguida, após citar trecho de texto sagrado, marcado pela idéia de completa sujeição feminina ao homem, surpreende o leitor ao revelar que pertence não à “bíblia” islâmica, mas à *Primeira Epístola aos Coríntios*, de São Paulo, parte do Novo Testamento.

Os livros sobre os quais o mundo cristão se erigiu, portanto, passam comumente ao largo da idéia de igualdade entre os seres. A imagem bíblica (e simbolicamente sedimentada) da fêmea, capaz de seduzir e desvirtuar, – o golpe mais violento do ocidente contra as mulheres – aflige o

crédulo irmão de Mariana.

Foucault, em *História da sexualidade*: o uso dos prazeres, expõe que foi, na verdade, o teólogo Clemente de Alexandria quem primeiro fez “certa associação entre atividade sexual e o mal” (FOUCAULT, 1984, p.22). O filósofo observa ainda que, na Antiguidade, já havia uma moral, embora não prescritiva, e com objetivos diferentes da cristã, baseada no controle das paixões (e consequentemente das práticas sexuais) para o domínio de si mesmo. Embora, por conta do extenso paralelo com os livros sagrados, *As sementes do sol* pareça embebida da moralidade judaico-cristã, suas raízes podem, na verdade, ser outras, sobretudo se for considerado que inexistiu no episódio bíblico do assassinato de Amnon justificativa para o fratricídio com base no incesto: o filho de Davi mata o irmão, na verdade, por ter estuprado e renegado Tamar. O rigor do Absalão carreriano é menos bíblico do que se poderia supor, ficando mais próximo, por exemplo, do pensamento de Agostinho, que “relacionou a concupiscência e o pecado original” (VAINFAS, 1992, p.83)

O religioso sobrinho de Lourenço pede para ser poupado e suplica a Deus pelo terceiro caminho: não ser nem Caim nem Abel. O narrador expõe essa aspiração utilizando-se de modo adaptado da palavra de Jesus ao Pai nos momentos que antecedem a crucificação: “Queria que também seu Cálice fosse afastado” (CARRERO, 2005, p.207). Absalão, embora receoso, aponta o dedo para o Criador ao analisar a querela entre os filhos de Adão:

Porque do contrário Ele não teria escolhido Abel para o seu preferido, encolerizando Caim. Haverá assim algum arbítrio divino que faz com que os homens se atirem uns contra os outros, feras indomáveis? (CARRERO, 2005, p.210)

Deus surge, nessa perspectiva, como o Traidor supremo (o grande Culpado, o Semeador?) ao promover a discórdia na Terra. A idéia de traição como princípio (vontade divina) ganha contornos ainda mais sólidos. Dessa maneira, seria impossível não repetir “o inevitável gesto de Caim” (CARRERO, 2005, p.217), não cumprir o “destino de Caim” (CARRERO, 2005, p.231), a que todos estão fadados porque nascidos a partir da mesma lama: “[Absalão] parecia ver a hereditariedade do sangue: Adão e Eva, Caim e Abel, Esaú e Jacó, Judas e Cristo” (CARRERO, 2005, p.233).

A ciranda pouco a pouco se completa: o desejo leva à traição e esta à vingança, que é em si comumente uma reação também traiçoeira, de modo que traição gera traição (trair e ser atraído), desde o princípio, ininterruptamente. Outra raiz que brota dessa árvore da perfídia é a culpa (o homem ciente da transgressão). A impossibilidade de fugir do destino, do pecado (todos são inocentes no carrossel da vida; o crime é inevitável; bem e mal são a matéria do homem) não elimina a culpabilidade dele decorrente (todos são culpados porque pecadores). Davino remói a sua

inércia *voyeurista* diante da relação entre Mariana e Agamenon. A filha de Ester, embora também tenha se deliciado com as carícias fraternais, carrega o peso pelo ato libidinoso: “Não devia ter permitido que Agamenon agisse daquela forma” (CARRERO, 2005, p.194-5). E, ainda que Absalão considere o irmão culpado e, por extensão, o seu fatídico ato justo, o fratricídio o condena a carregar um “cavalo nas costas” (CARRERO, 2005, p.219). Não se pode, portanto, escapar do Erro nem da consciência atormentada. Moacir Scliar observa, em *Enigmas da culpa*, que

as conseqüências da Queda não se restringem ao primeiro homem e à primeira mulher; pesarão sobre toda a humanidade. A noção de castigo, presente no Antigo Testamento, é incorporada ao cristianismo. A culpa agora passa a ser uma constante na condição humana [...]. (SCLIAR, 2007, p.77)

Diante desse quadro, a morte surge como um bem (uma forma de alcançar Deus e abandonar a agonizante – e infernal – existência). Absalão conclui, talvez para se desvencilhar do remorso insustentável, que matar o outro é libertá-lo da vida e de si mesmo:

Agora podia ver com clareza o obscuro da alma assassina. De uma alma assassina. O criminoso, assim como ele, o que era mesmo era uma criança: manipulada, comandada. Sentia mais as angústias e paixões humanas do que os outros. Tinha uma alma sobre o corpo: descoberta, ferida. Tanto sofria pelos outros que era preferível matá-los. Enviá-los para a face do Cordeiro. Sim, era isso. Precisava se convencer. Não fora por esta razão que matara Agamenon, o irmão? Somente e sobretudo por isso? Por que no íntimo, nos nervos do coração, o que tinha era uma imensa compaixão de Agamenon. Por ele sofria. Agamenon não haveria de ter sossego enquanto povoasse o dorso da fera. Enquanto caminhasse indeciso e impreciso sobre as feridas do mundo. No íntimo do seu sangue tivera compaixão. Foi isso, agora descobria. A compaixão que impele os homens para o crime. (CARRERO, 2005, p.234)

Em seguida, o filho de Davino lembra que, em criança, visitou um preso na cadeia a quem as pessoas chamavam monstro e, ao refletir sobre o episódio, profere a pergunta retórica: “Pode ser fera o mensageiro da morte, aquele que antecipa as visões de Deus?” (CARRERO, 2005, p.235)

Do mesmo modo, na perspectiva de Lourenço, são felizes (e livres) os suicidas:

A morte mais iluminadamente bela: o suicídio, a coragem da morte, o desafio da morte, sobre a morte. [...] Compreendi, enfim, que há uma grande e incomensurável diferença entre a felicidade desgraçada dos homens comuns e a felicidade trágica e encantadora dos suicidas. (CARRERO, 2005, p.136)

Todavia, deve-se considerar: o suicídio imposto pelo pacto não é, na verdade, assassinato? Lourenço, ao exigir e cobrar o acordo, não se torna desse modo homicida?

O corpo de Ester nas águas, símbolo de morte e renascimento, ganha uma descrição

erotizada; o morto parece vivificado e os vivos se tornam fantasmáticos:

E quando a encontraram não era mais apenas uma mulher, estava além dos anjos. Boiava com os imensos cabelos soltos, os braços abertos em cruz, e a camisola branca, molhada, era uma bandeira que se despede em paz. Uma despedida aos solitários vivos que permanecem ainda mais solitários e mais mortos, mais mortos e mais desgraçados. (CARRERO, 2005, p.134)

José Castello, na análise de *O delicado abismo da loucura*, verifica que

o desejo toma forças monstruosas: conduz ao parricídio e ao incesto. No fecho das experiências extremas, encontramos sempre a culpa; um fecho que não fecha, solução sem solução, que vem só dar um nome a um impossível desejo de paz. Desejo de paz que é, por fim, um desejo de morte [...] (CASTELLO, 2005, p.18-9)

Quanto à questão do incesto, se em *A história de Bernarda Soledade* (1975) não estava bem marcado o binômio interdição/transgressão, em *As sementes do sol*, o erotismo sem dúvida se alimenta dessa relação. De certa forma, o desejo do filho de Davino é fruto do interdito, promessa de prazer e dor. Frente à imagem de Mariana despida sentiu “um soluço de pássaro solto e feliz atingido no vôo” (CARRERO, 2005, p.158). Seus pensamentos, à mesa, sobre a irmã são entrecortados pelo consumo da carne (“Agamenon estendeu a mão para se servir de um pedaço de carne” (CARRERO, 2005, p.157)), símbolo da cobiça, índice do pecado, “inimigo inato daqueles atormentados pela interdição cristã” (BATAILLE, 2004, p.144).

O outro enlace amoroso é triangular, composto por Ester, Lourenço e Davino. Este conclui que os três juntos eram peças imprescindíveis para justificar a existência: “Se um dos três deixasse de existir, não haveria mais razão para galoparmos o dorso dessa fera, imunda e trágica, que é o mundo” (CARRERO, 2005, p.214). Logo, o suicídio da matriarca e a consequente dissolução do triângulo representam a morte em vida de todos os membros da família: “[...] já não era apenas ela que morria, mas todos nós” (CARRERO, 2005, p.225). No entanto, apenas desse modo, eles voltam a ser irmãos.

Em seu ensaio “O triângulo, o ciúme e a inveja”, Dante Moreira Leite verifica que a estrutura triangular amorosa tende a se desfazer:

o triângulo, sobretudo se apresentado no amor, tem qualidades dramáticas muito nítidas, pois é uma situação essencialmente desequilibrada e sem harmonia. Portanto o triângulo, nas relações interpessoais, contém os germes de sua destruição. (LEITE, 1979, p.15)

Em *As sementes do sol*, Ester é a ovelha sacrificada, o auto-sacrifício; ela abdica de

Lourenço e da própria vida para a dissolução do conflitante trilátero. No entanto, sua morte promove a ruína das bases familiares e conduz a uma sucessão de tragédias.

Nesse mar revolto de desejo, traição, vingança, suicídio, assassinato, culpa, a loucura surge como elemento desencadeador (o delírio de Absalão o leva ao fratricídio) ou concludente (Mariana aproxima-se do delicado abismo da insanidade após o ato luxurioso), do qual a maioria dos personagens não consegue escapar (Davino em seu martírio também pensa que está enlouquecendo).

Todos esses temas reunidos e interligados, que edificam uma atmosfera tormentosa, em conformidade com os apavorantes redemunhos da alma, se harmonizam com a maneira de narrar cíclica e espiralada do “livro das traições” carreriano, em sua oscilação constante e veloz sobre as dualidades que compõem o humano.

Referências Bibliográficas

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: ARX, 2004.

BÍBLIA. Português. Tradução ecumênica. Baseada na tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. São Paulo: O.E.S.P; Maltese, 1962.

CARRERO, Raimundo. “As sementes do sol: o semeador”. In: _____. *O delicado abismo da loucura: novelas*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

CASTELLO, José. “Uma escrita só lâmina”. In: CARRERO, Raimundo. *Os delicados abismos da loucura*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Grall, 1984

LEITE, Dante Moreira. “O triângulo, o ciúme e a inveja”. In: _____. *O amor romântico e outros temas*. São Paulo: Ed. Nacional: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.

SCLIAR, Moacyr. *Enigmas da culpa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo: Ática, 1992

WOLFF, Francis. “Quem é bárbaro?”. In: NOVAES, Adauto (org.). *Civilização e Barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.